

Acerca da minha concepção do Eu¹

Jean Laplanche, Paris

O autor propõe-se a discorrer sobre a sua concepção do Eu concernente à Teoria de Sedução Generalizada. Contrário à concepção diferenciada de self e Ego, toma o Eu como proveniente do contato primário das necessidades biológicas do indivíduo com mensagens enigmáticas sexuais provenientes do outro, constituindo-se em uma paraexcitação interna aos resíduos inconscientes (objetos fonte da pulsão) decorrentes da tradução parcial das referidas mensagens. O Eu assume e dinamiza os mecanismos adaptativos do indivíduo biológico, além de lhes fornecer seus próprios elementos intrínsecos de ligação, culturalmente adquiridos ao longo do seu desenvolvimento².

Palavras-chaves: Laplanche; Teoria da Sedução Generalizada; Constituição do Eu

¹ Primeira publicação no Brasil: Laplanche, J. (1996). A propósito de minha concepção do Ego. *Projecto Revista de Psicanálise*, Ano 5, n.6. Título original *À propos de ma conception du moi* (1990-91).

² N.R.: O resumo e palavras-chaves foram elaborados pelo revisor técnico do presente trabalho.

1. *Vida e morte em psicanálise* (1970) é um texto antigo que não renego, mas convém considerar, *après-coup*, o que exponho sobre Freud e Lacan, sempre sem fazer meu o pensamento deles.

Meu pensamento sobre o Eu não parou, tampouco “emagreceu” (cf. o sumário em *Novos fundamentos para a psicanálise*).

Meu pensamento mais explícito encontra-se em obras recentes: está em *Problemáticas I* (1980a), a respeito da angústia, mas também em *Problemáticas IV* (1981) e, sobretudo, em *Novos fundamentos para a psicanálise* (1987, pp. 56-58).

2. Não acredito ter diferenciado, alguma vez, um “Eu metafórico” de um “Eu metonímico”. Ao contrário, foi essa ilusão – a qual denunciei na teoria – que justapõe o *self* ao Ego. Ao separar um *self* identificatório (metafórico) de um “Eu”, órgão de adaptação (metonímico), poupamo-nos do questionamento acerca das relações entre eles: “isentamos”, por assim dizer, um Eu puramente racional. Falei em *derivações* metafórica e metonímica do Eu, o que é bem diferente, e, ademais, foi para explicar o pensamento de Freud.

3. Longe de dizer que a realidade externa não tem importância: sempre denunciei a tentativa freudiana e pós-freudiana de reconstruir o acesso ao mundo externo a partir de uma célula fechada em si mesma. Penso que o acesso ao mundo externo é *primário*, existindo desde o início, já na primeira percepção de algo, e comporta montagens instintuais incontestáveis.

4. O que eu disse a respeito da realidade externa é bem diferente.

a) Nego que ela desempenhe um papel primordial no conflito psíquico de que se ocupa a *psicanálise*. Neste conflito, o Eu opõe-se às pulsões, não por obediência à realidade, mas pela necessidade de ligação, de coerência, sem a qual estaria exposto ao desligamento pulsional.

b) Penso, contudo, que o nosso acesso – como indivíduo vivo – ao mundo externo é rapidamente assumido pela sexualização das funções de autoconservação e, conseqüentemente, pelo Eu.

5. *Concordo plenamente* com o fato de que a necessidade alimentar é um exemplo muito pobre para dar conta das necessidades do indivíduo. Ela é, no entanto, um *protótipo*.

Insisti no fato³ de que o hegemonismo psicanalítico – correlativo ao hegemonismo da sexualidade humana – resulta em ocultar o que a psicologia do bebê é capaz de mostrar quanto às necessidades e às aptidões inatas (Spitz, Brazelton, entre outros).

Porém, a palavra “necessidade” deve ser reservada a uma pressão para

³ *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*, p. 64-68 e 81-87.

realizar um ato em função de exigências internas e visando à sobrevivência e ao desenvolvimento biológico. Por exemplo, a necessidade de calor, a necessidade de se agarrar, a necessidade de estímulo.

Há, portanto, uma confusão de linguagem em empregar a palavra “necessidade”, como se tivesse o mesmo sentido, em expressões como:

- Necessidade de fazer o exame do ensino médio para entrar na Universidade,
- Necessidade de saber ler para ter acesso à cultura,
- Necessidade de uma psicanálise.

Estas são verdades não inscritas no *passado* genético, mas realizadas em função de uma *finalidade* potencial.

6. Como digo explicitamente em *Novos fundamentos para a psicanálise* (1987), não poderíamos querer que se sucedam *estágios* de Ego, os quais seriam autoerotismo, narcisismo e escolha de objeto.

- a) porque estes são etapas sexuais e não etapas de acesso ao mundo perceptivo,
- b) porque trata-se de uma sequência pontual, parcelada, que se renova um número incalculável de vezes. É absurdo dizer: de n a n' meses, autoerotismo, de n' a n'' meses, narcisismo, e assim por diante.

7. O Eu não se constitui no animal, que, no entanto, tem um excelente acesso à realidade externa. Por quê?

- a) porque o Eu se constitui *contra o perigo interno*, proveniente das mensagens enigmáticas implantadas pelo outro e, depois, de seus resíduos inconscientes ou objetos-fontes. O indivíduo (que também denomino Ego) tem de fabricar essa *paraexcitação interna* que falta inicialmente;
- b) o Eu toma emprestada a sua forma geral e a sua tendência homeostática do indivíduo humano total (ele mesmo com o envelope de sua pele, o objeto total, o outro total);
- c) ele toma emprestados os seus mecanismos de defesa contra a realidade interna dos mecanismos de defesa do indivíduo vivo (Ego) contra o mundo externo.

8. O Eu, no movimento geral de sexualização do indivíduo humano, assume e dinamiza os mecanismos adaptativos do indivíduo biológico, estejam eles presentes desde o início ou se desenvolvam por maturação. O Eu lhes fornece também seus próprios elementos intrínsecos de ligação, culturalmente adquiridos ao longo de seu desenvolvimento, tendo, em primeiro plano, a lógica binária, correlativa à “teoria” da castração (Laplanche, 1980b).

9. Toda a *tópica* freudiana deve ser questionada se não quisermos continuar vivendo no psitacismo.

- O Isso pode ser considerado inato?
- Quais são as funções e o modo de existência do ideal do Eu e do Eu ideal?
- O Supereu é uma função do Eu? Pessoalmente, eu o considero mais como um encrave psicótico, uma mensagem enigmática não traduzida e, talvez, intraduzível. “Psicótico”, aqui, obviamente não é tomado de forma pejorativa. □

Abstract

About my conception of the Self

The author proposes to discuss his conception of the self concerning the *Theory of Generalized Seduction*. Contrary to the differentiated conception of self and Ego, it takes the self as coming from the primary contact of the individual's biological needs with enigmatic sexual messages from the other, constituting in an internal paraexcitation to unconscious residues (objects source of drive) resulting from the partial translation of said messages. The self assumes and dynamizes the adaptive mechanisms of the biological individual, besides to providing them with their own intrinsic elements of connection, culturally acquired throughout their development.

Keywords: Laplanche; Theory of Generalized Seduction; Constitution of the self

Resumen

Acerca de mi concepción del Yo

El autor se propone discurrir acerca de su concepción del Yo concerniente a la *Teoría de la Seducción Generalizada*. Contrario a la concepción diferenciada de *self* y de Ego, toma el Yo como proveniente del contacto primario de las *necesidades* biológicas del individuo con los enigmáticos mensajes sexuales provenientes del otro, constituyéndose una paraexcitación interna a los residuos inconscientes (objetos fuente de la pulsión) resultantes de la traducción parcial de dichos mensajes. El Yo asume y dinamiza los mecanismos adaptativos del individuo biológico, además de dotarle de sus propios elementos intrínsecos de conexión, adquiridos culturalmente a lo largo de su desarrollo.

Palabras clave: Laplanche; Teoría de la Seducción Generalizada; Concepción del Yo

Referências

- Laplanche, J. (1970). *Vie et mort en psychanalyse*. Paris: Flammarion, coll. « Champs ».
- Laplanche, J. (1980a). *Problématiques I: l'angoisse*. Paris: Puf, Bibliothèque de Psychanalyse.
- Laplanche, J. (1980b). *Problématiques II: castration, symbolisations*. Paris: Puf, Bibliothèque de Psychanalyse.
- Laplanche, J. (1981). *Problématiques IV: l'inconscient et le ça*. Paris: Puf, Bibliothèque de Psychanalyse.
- Laplanche, J. (1987). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: Puf, Bibliothèque de Psychanalyse.

Recebido em 16/12/2020

Aceito em 14/05/2021

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Jean Laplanche (1924-2012)

© *Projecto Revista de Psicanálise*

Nova versão em português da Revista de Psicanálise da SPPA